

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: NOVOS TEMPOS

Simone Léa Marques Barreto¹
Regina Marta Fonseca Gonsalves¹
Carmen Sidinéia da Silva¹
Sonia Maria Dornellas Morelli²

RESUMO: Este artigo preconiza um estudo teórico aplicado a uma prática de análise literária em obras de Literatura-Infanto-Juvenil. Além disso, procura demonstrar a influência e a inserção da Indústria Cultural na Literatura. Para viabilizar estas vertentes, apresentamos uma análise crítica da obra “A infância acabou” de Renato Tapajós. Muito além de seus aspectos literários, buscamos detectar criteriosamente na obra as idéias inovadoras nela inferidas, que vão além dos limites do cotidiano e da visão comum, criando simulacros do mundo natural. O livro que apresenta como tema central o empobrecimento da classe média e os problemas que disso advêm; paralelamente aborda questões como: a identidade dos diferentes grupos de adolescente; a oferta das drogas que circulam nos bastidores do mundo artístico; a crescente violência urbana e outros. O mundo real é simulado nas palavras do autor que, por sua vez, não se preocupa com a descrição fidedigna da vida de um adolescente frente ao processo de pauperização, mas com uma simulação do mundo em que o “real” cede espaço ao “hiper-real”.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto-juvenil, análise crítica, indústria cultural.

Pode-se observar, a cada dia, o crescimento do mercado de livros de Literatura-Infanto-Juvenil. Muitos autores, de diferentes regiões, têm alimentado o acervo de obras destinadas ao público jovem e, se por um lado isso é bom por ampliar as possibilidades de escolha por parte dos profissionais em educação, por outro dificulta o estudo criterioso de análise literária das obras que invadem o mercado. As editoras procuram fazer seu *marketing*, não importando muito com a qualidade do conteúdo do material editado. Como os objetivos de quem vende e dos professores nem sempre rezam pela mesma linguagem, nota-se um descompasso que se reflete na sala de aula, quando o professor tem que fazer seu discurso sobre determinadas obras, quando lhe é solicitada alguma relação de livros pertinentes a determinadas séries, ou mesmo quando precisa indicar a leitura de alguma obra de Literatura-Infanto-Juvenil. A escola, por outro lado, quando tem condições de melhorar sua biblioteca (o que não é realidade generalizada – muitas nem possuem espaço para esse fim), ou pede ajuda ao professor de Língua Portuguesa, ou analisa os catálogos das editoras e, pelas suas resenhas, efetua a compra de livros. O profissional da educação, em meio a este conturbado contexto, convive com a busca incessante de caminhos que possam dirimir sua falta de tempo e inabilidade para análise crítica de obras consideradas literárias, pois é ciente de que, cada vez mais, a leitura crítica tem espaço garantido na sociedade e o texto literário é o mais apto a formar o cidadão crítico tão preconizado pelos Parâmetros Nacionais Curriculares. Atuando de forma passiva, fica o educando que, ou atende à solicitação do professor quando lhe é pedida leitura de determinada obra, ou acaba cabulando as aulas de leitura literária (quando há). Diante do exposto, este artigo preconiza um estudo teórico aplicado a uma prática de análise literária em obras de Literatura-Infanto-Juvenil. Além disso, procura demonstrar a influência e a inserção da Indústria Cultural na Literatura, sem querer desmerecer uma ou outra. Para viabilizar estas vertentes apresentam-se, em

primeiro lugar, algumas considerações sobre a Literatura Infanto-Juvenil e, a seguir, um resumo e a análise crítica da obra “A infância acabou” de Renato Tapajós (1996).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

As primeiras produções literárias destinadas ao público infanto-juvenil surgiram no século XVIII, quando a criança passou a ser considerada diferente do adulto, com necessidades e características próprias. De início, eram obras destinadas à disciplina dos pequenos leitores, ou seja, eram dotadas de caráter extremamente utilitário e pedagógico. Segundo Lajolo e Zilberman, tratava-se “de uma literatura para” (p.18). Essa literatura vinha ao encontro das ideologias de uma classe – a burguesia – que desejava através da escola e dos livros, “o controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções” (p.23). Era, portanto, uma produção literária enciclopédica que reproduziria nos leitores idéias como obediência, serviço e submissão. Na contemporaneidade, a literatura Infanto-Juvenil continua sendo um meio para um fim, mas os tempos são outros e, embora não exista uma nova história, os escritos literários ganham novas dimensões tanto no aspecto quantitativo quanto no qualitativo. Escrever para o público mais jovem tornou-se prática rendosa e interessante, uma vez que a Indústria Cultural tem investido grandemente nessa área. O texto literário que interessa para o mercado deve apresentar diversas interpretações da realidade, capazes de ir muito além dos limites do cotidiano e da visão comum, criando simulacros do mundo natural. Assim sendo, é indispensável ao profissional da área de ensino saber analisar criteriosamente as obras que expõe a seus alunos, reconhecendo que, como diz Gustavo Bernardo (in Faraco e Tezza, 2001, 93) quem escreve tem o “desejo de modificar o mundo à imagem e semelhança” de suas “melhores palavras”. A literatura que ora emerge possui traços inovadores como a

¹ Graduandos do curso de Letras – UNIPAR - campus de Cianorte. jczbarreto@uol.com.br, reginamarta.gonsalves@bol.com.br, carmenbonfanti@bol.com.br.

² Professora Mestre em Letras - orientadora – Sonia@unipar.br.

intertextualidade (o diálogo com outros textos), a ilustração (é tão auto-suficiente que chega a ser texto-imagem), os temas diversificados e atuais, a supra-realidade etc. O que importa é cativar o leitor, apelando para diferentes recursos visuais e temáticos.

RESUMO E ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA “A INFÂNCIA ACABOU”

Editada pela Ática em 1996, a obra, que possui 153 páginas, está estrategicamente dividida em 27 capítulos curtos, uma vez que visa a atrair o interesse do público jovem. Muito além de seus aspectos literários (personagem, tempo, tipo de narrador, espaço, tipo de discurso...), observa-se que a obra encanta o leitor pelas idéias inovadoras nela inferidas, que vão além dos limites do cotidiano e da visão comum, criando simulacros do mundo natural. O livro apresenta como tema central um assunto bastante contemporâneo que é o empobrecimento da classe média e os problemas que disso advêm. Traz como protagonista um adolescente – Marcos – que, aos 15 anos de idade, vê-se obrigado a adaptar-se a um estilo de vida completamente novo, repleto de privações, inclusive da presença de sua mãe.

O pai do protagonista, cujo nome não é revelado durante toda a obra justamente porque o desemprego faz com que ele perca sua identidade tanto diante da sociedade quanto da família, é um homem de aproximadamente 50 anos de idade que prestou serviços para uma multinacional durante 20 anos e acabou sendo despedido. Trata-se de uma pessoa completamente despreparada para as novas exigências do mercado de trabalho, que está à margem da informática e que passa seus dias manuseando jornais e enviando currículos numa exaustiva procura por um novo emprego. Em decorrência do fracasso profissional e financeiro, a família de Marcos começa a enfrentar dificuldades de relacionamento e acaba fragmentando-se. A mãe e o irmão mais velho do personagem principal passam a viver separados dele e do pai. A vida de Marcos passaria por uma completa reviravolta e seus hábitos teriam que ser alterados. Devido à situação econômica desfavorável, o garoto passa a morar num bairro de classe médio-baixa, depende de uma meia bolsa de estudos, que ele mesmo reivindica apesar de seu constrangimento, para se manter no colégio particular que desde criança estudara. Além disso, passa a sofrer algumas discriminações e vai ter que aprender a batalhar pelo seu próprio dinheiro. Em meio a tudo isso, Marcos vai deparar-se com muitas novidades e o tempo todo estará passando por um aprendizado que o levará a abandonar a inocência da infância e a ganhar a consciência do mundo dos adultos. Se por um lado descobre o chamado sexo pelo prazer através de um relacionamento um tanto quanto precoce com uma vizinha (prostituta) de aproximadamente 30 anos, por outro, desfruta da aventura do primeiro amor sincero regado por carinho e respeito mútuo. É interessante notar que apesar do autor manter a linha do tema principal por ele desenvolvido, insere diferentes assuntos que fazem parte do cotidiano dos adolescentes e dão à sua obra um caráter cinematográfico, remetendo o leitor a uma viagem por diferentes imagens do mundo, criadas pela palavra, pelo próprio enredo. Isso significa dizer que o forte do livro não é sua ilustração e sim o próprio tecer da história e a capacidade de prender o leitor

pelo gancho da identificação.

A INDÚSTRIA CULTURAL E ALGUNS TEMAS DA ATUALIDADE INTRÍNSECOS NA OBRA

O mundo real é simulado nas palavras de Tapajós que utiliza um vocabulário aproximando a obra do público marcadamente jovem. O autor coloca na fala dos personagens a linguagem coloquial e faz uso de gírias. É o que se depreende, por exemplo, da seguinte fala do protagonista: “_Pode levar, cara. Na boa...” (p.6). Palavras próprias do léxico do emergente mundo tecnológico, tão peculiar aos adolescentes dos dias atuais, intermeiam toda a narrativa dando à obra um caráter íntimo com o público-alvo que anseia alcançar.

O protagonista da história chega a se envolver na criação de um *fanzine*, que está relacionado ao mundo da música, que tanto atrai os adolescentes, e com o uso da *Internet*: “Eles conhecem uma porrada de gente do meio, bandas que tão fazendo clipes demo, tentando tocar nos lugares, gravar, chegar na MTV... e uma hora falaram que era legal um *fanzine* que pudesse dar notícia deles...” (p.12). Nota-se a valorização da tecnologia como meio de mudança: “É uma tecnologia que está mudando o mundo, e mudando bem depressa.” (p.128). Por outro lado, discutem-se os problemas que disso advêm, mas nunca desmerecendo os avanços tecnológicos, pelo contrário, faz-se uma espécie de apelo à consciência dos leitores para que se aprofundem no conhecimento da modernidade: “A economia cresce, mas o desemprego também cresce. Sobre tudo para quem não se adaptou aos novos tempos”. “A empresa acaba achando um cara mais jovem, que domina computadores e toda a linguagem dos novos tempos” (p.73).

Por vezes, vê-se o autor mencionar a marca tradicional do refrigerante consumido pelos jovens e, num dado momento, o faz usando o verbo no imperativo - “_ Toma essa Coca...” (p.23). Isso faz lembrar o próprio jargão usado pela empresa em suas propagandas: “Tome Coca-cola”.

A obra aborda, também, os conflitos vividos pelos jovens com relação às drogas e alia o assunto à valorização da informática: “Descobri que a viagem que os computadores proporcionam é muito mais louca que a de qualquer droga. E não acaba. Nem faz mal.” (p.129). O despreparo na área tecnológica é mencionado como a causa do desemprego vivido pelo pai do protagonista - “...um executivo que trabalha há vinte anos ganha um bom salário. Se nesses vinte anos ele não se atualizou, não aprendeu a trabalhar com a informática, que é que acontece?” (p.73) – e, conseqüentemente, como a causa da fragmentação da sua família - “Mas, desde que o meu pai perdeu o emprego, eles começaram a brigar, acabaram se separando” (p.59). Muitos outros temas são abordados pelo autor, como: a identidade dos diferentes grupos de adolescentes que é marcada pela forma de falar e vestir; a crescente violência urbana; as diferenças sociais; o preconceito racial; a situação do ensino público; a vida na favela; a corrupção da polícia, a sexualidade na adolescência e a manipulação dos mais fortes sobre os mais fracos. Nota-se que os fatos são narrados de forma dinâmica, levando até mesmo os leitores menos experientes – normalmente os adolescentes não têm o hábito da leitura – a envolverem-se com a obra.

“A infância acabou” não é uma tradução ou descrição fidedigna da vida de um adolescente frente ao processo de pauperização de sua família, mas uma simulação do mundo que, atendendo às características das obras literárias de sua época, “visa antes à novidade, à originalidade, à invenção” (CALVINO, 1990). O literato não escreve aleatoriamente, mas sua produção vem carregada de intencionalidade já que o autor do livro conhece seu público, aqueles que vão tornar possível a comercialização de sua obra. O real cede espaço ao “hiper-real” que, segundo Baudrillard (1991), é “um real sem origem nem realidade”. O que encanta realmente o leitor é a capacidade que tem o escritor de simular, criando uma tênue linha entre o real e o imaginário, o falso e o verdadeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. p. 8.
- CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 102.
- GUSTAVO, B.; FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 93.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 18-23.
- TAPAJÓS, R. **A infância acabou**. São Paulo: Ática, 1996.